

A SÁTIRA EM ANTÔNIO CHIMANGO E MARTÍN FIERRO*

Celestino Sachet
UFSC

1. No dizer dos críticos, a sátira é uma composição em verso que procura ridicularizar os vícios das pessoas e das épocas. Encerra um conteúdo risível, zombeteiro ou sarcástico. As vezes, de indignação e de revolta.

Na sátira, a preocupação de análise do meio exterior fornece ao poeta o material de que necessita. Há uma intenção social e um caráter moralizante.

O poeta satírico submete a sociedade, ou somente o indivíduo, à sua crítica, às vezes irônica, sutil, e em outras ocasiões, feroz e mordaz. Com tais meios defende-se dos ataques ou perseguições que os poderosos lhe fazem, ou procura corrigir defeitos e erros individuais e sociais.

"A sátira compõe-se de agressividade, de ausência de caridade, de afirmação de uma missão moralizante exercitada com impertinência."¹

O presente trabalho, através dos livros *Antônio Chimango*, do gaúcho Amaro Juvenal, pseudônimo do dr. Ramiro Barcelos, e de *Martín Fierro*, do argentino José Hernandez, procurará desvendar a razão do riso e da sátira que desopilam o fígado e arejam as indignações acumuladas,²; a caricaturização dos ridículos, o sentido combativo e o desafio mais que humano do gaúcho "sometido a

*Publicado originalmente no Caderno de Sábado, do *Correio do Povo*, em 27 de janeiro de 1973.

tratamentos brutales en las lÍneas de frontera com el indio, o reducido a torpe elemento de choque en la escena eleccionaria con que el gobierno pretendía disfrazar una pregonada libertad democrática".³

Em 1915, com o apoio do dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, governador do Rio Grande do Sul,⁴ Pinheiro Machado lança o nome do marechal Hermes da Fonseca para preencher vaga no Senado. Ramiro Barcelos, amigos de Borges de Medeiros, discordando daquele nome, sugere uma série de outros. Concorrendo ele mesmo, acaba derrotado, impiedosamente, pelo ex-presidente da república. Resolve escrever, então, Antônio Chimango. Tanto mais que o dr. Borges de Medeiros encaminhara telegrama ao senador Pinheiro Machado no qual se refere a Ramiro Barcelos de maneira contundente e injuriosa tachando-o de "insaciável" e "incorrigível". Teria sido mera vingança pessoal a razão do livro?

Em cinco rondas e 1278 versos, Amaro Juvenal "inclui" no seu "poemeto campestre" "dois movimentos bem distintos, que, tomados em conjunto, formam dois poemas de sentido especial: um descritivo, com o tema da vida do tropeiro, o outro satírico e alusivo, contando a história de Antônio Chimango; a parte satírica é a mais longa, e deve ser considerada a mais importante".⁵

Os dois poemas não apresentam a mesma temporalidade. O ele de ligação é o tropeiro Tio Lautério — o lendário trovador gaúcho — "Mulato velho, mui sério", que nos descansos voluntários, ou forçados, de uma caminhada de vinte a trinta dias, conduzindo uma tropa de uma fazenda a outra, "saca da mala o bandônio" para contar a vida de um tal Antônio Chimango "magro como lobisome, mesquinho como o demônio".

Tanto na tropeada descrita por Amaro Juvenal quanto na narração musicada de Tio Lautério, quer se trate da parte descritiva das rondas, quer se narre a vida de um manda-chuva discricionário, a sátira está sempre presente: hora um conteúdo risível, zombeteiro ou sarcástico; ora a indignação e a revolta.

O livro é uma sátira em sua totalidade. O nome do Autor — Amaro Juvenal — homenageia o escritor romano que criticou os costumes políticos da época; e o título do livro Antônio Chimango lembra uma ave de rapina, a menor delas, um simples comedor de bichinhos e aproveitador de carniça, que nem chega a merecer as

honras de gavião; a estância São Pedro é o Rio Grande do Sul; Antônio Chimango, o dr. Borges de Medeiros; o Coronel Prates, proprietário da estância, Júlio de Castilhos; José Turuna, Pinheiro Machado; Aureliano, Aurélio Veríssimo de Bittencourt.

A estância "onde a vista se estendia, por mais de uma sesmaria", linda como nenhuma outra, era a única fazenda onde reinava a paz e a harmonia, o trabalho, até que Antônio Chimango se torna capataz. Fora da estância: as ciganas armam suas arapucas; o mestre-escola "um grande bocó de mola", nada ensinando a ninguém, os "galegos" das outras fazendas tiram os pelegos dos pobres necessitados só se fazem contas por debaixo das cobertas. Dentro da estância, vivem os verdadeiro gaúchos, a peonada, moçada guapa a valer; tudo em ordem e bem cuidado, com cada coisa em seu lugar. Da estância, o Autor parte para satirizar o comportamento "de agora". Ou, então, para dar algumas normas de bem-viver.

Estas normas têm em geral um sabor amargo de quem já viveu melhores dias ao lado de criaturas humanas melhores. A gente campeira da estância de S. Pedro, que "trabalha e não se aguacha, destorcida e buenacha", não era como a de agora "que só vai a relho e espora, lerdada como mula guacha". Por isto não se pode esperar socorro de ninguém. Só do cavalo. E contar apenas consigo.

Numa sucessão de ditos práticos, o Autor satiriza "os que sempre têm andado a comer por mão alheia"; os que têm poder na mão porque nunca lhe faltarão a matilha de fiéis seguidores interesseiros; satiriza o governo que só tem a função de qualificar para o serviço militar, de preparar a vitória na eleição, e de estender cercas (um inferno de cercas!) que não têm fim entre as diferentes fazendas ("o alambrado é um pavor pra quem anda nesta lida" AC-95); satiriza o homem porque "é bicho que se doma como qualquer outro bicho; Tem às vezes, seu capricho/ Mas, logo larga de mão, vendo no cocho a ração./ Faz que não sente o rabicho" (AC-93); compara o povo a um boi manso que bufa, pula, se arrepela quando é novilho mas que depois vem lamber a canga e se torna amigo dela; lamenta-se de que a felicidade não dure porque é como "china que não se roga"; afirma que dar num guri não é glória. Atinge o auge da indignação ao lembrar que "com folga e liberdade/ Nunca o boi se alvorotou" (AC-64). Tu-

do isto porque todos vivem neste mundo mas poucos sabem viver; observa que na natureza as coisas não andam muito diferentes: o virabosta é um passarinho preguiçoso e velhaco que põe ovos em ninho alheio; a erva de passarinho que se nutre de árvores transforma-se em abutre e mata as que lhe dão vida. Porém, árvores e passarinhos pela força e pela astúcia sobrevivem aos mais fortes, dando assim um exemplo ao Homem "que não dança a meia-canha/ Sem que outro le toque a viola" (AC-104).

Mas é em torno de Antônio Chimango que Amaro Juvenal vai desfilar sua "agressividade, sua ausência de caridade na afirmação de uma missão moralizante exercida com impertinência". Não há em toda a narrativa um gesto de compreensão ou de bondade para o pobre "magro como lobisome" — descrição física; "mesquinho como o demônio" — apresentação psicológica. Até a própria natureza se preparou "condignamente" para receber o menino que, de tão mirrado e flaquito, mais parecia um passarinho do que gente! Foi na hora da Ave-Maria, de uma tarde meio suja que ele nasceu. E em honra de quem nascia, logo cantou a coruja". A infância do garoto foi diferente dos demais meninos: já tendo mudado os dentes, ainda andava de camisola, molhava os pelegos onde dormia e tinha medo de morcego. Com muitas doenças e muita vontade de comer, transcorreram os anos de meninice; na escola, um desastre, "não era por vadiação/ A cabeça é que era má" (AC-71). Moralmente nunca valeu grande coisa. Só tinha uma grande habilidade: armar intrigas. Nunca andava a trote. Só a passo. E em égua velha.

Aos poucos vai o Chimango se "prepassando a carancho", todo cheio de medidas, em tudo o que era da casa. Até que um dia, o coronel Prates vê o rapaz o homem ideal para ajudá-lo a dirigir a fazenda dentro da condição de o velho fazendeiro ficar governando por detrás.

O então, o Coronel Prates, isto é, Júlio Prates de Castilho, chama o Aureliano, o professor, para que Antônio Chimango, isto é, Antônio Augusto Borges de Medeiros, aprenda a recolher a vaza enquanto o velho caudilho maneja o baralho.

O fazendeiro viu no novo capataz, o homem adequado às suas manhas de bem governar: obediência cega, incapacidade de reação fraqueza, ignorância, servilismo, hipocrisia, insolência, bajulação,

esperteza, senso de injustiça, inveja, calúnia, prepotência, adulação.

Com o Chimango no poleiro "os anos foram passando"⁶ e com eles o desastre: "O arvoredado está no mato;/ O gado... é só carrapato;/ O campo cheio de praga... / Tudo depressa se estraga/ no poder de um insensato" (AC-108). Ao final: a nova religião e a ditadura mais absurda. "Quem resmungue vai pra o laço,/ Pois a regra é obedecer". (AC-109).

Ninguém sabe ao certo, quando a prepotência do capataz vai ter fim. A continuar como agora tem andado, melhor é soltar os animais das fazendas. É mandar arrancar o capim porque Antônio Chimango enlouqueceu por completo.

Na última sextilha, Amaro Juvenal atinge o auge da amargura e da sátira: "Aqui lhe ponho arremate/ Na presilha desta história/ Que um outro tenha a vitória/ De cantar algum fandango/ O mais que fez o Chimango/ Pra levar S. Pedro à Glória. (AC-111).

A sátira em Amaro Juvenal vem sempre ligada ao mundo do gaúcho: o vocabulário, a imageria, a simbologia, a cosmovisão são a do habitante dos pampas. Aquele que não aceita o cabresto e o relho partindo de quem só é diferente porque se mancomunando com o Poder. Essas qualidades são defeito para quem vive em contato com a pureza dos campos.

Com os chimangos no poleiro, isto é, com medíocres passarinhos comedores de carniça transformados em aves de fina plumagem, a mandarem no alto de seu terreiro, os subordinados (que Amaro Juvenal chama de "gado") acabarão cheios de carrapatos! Cheios de parasitas a lhe sugarem as últimas forças e os últimos brios impedindo-os de reagirem aos que desmandam e aos que subvertem a ordem, a moral, a disciplina, a religião, a família. Até os campos se encherão de pragas. As pragas não estarão, apenas, nas criaturas humanas. Elas haverão de vicejar, inclusive, na natureza, pois tudo se estraga na mão de um insensato.

Assim, pois, muito mais do que uma vingança contra um ex-amigo que preferiu outro; Ramiro Barcelos, em Antônio Chimango, solta um brado desesperado, a todos os gaúchos de seu Rio Grande do Sul — e por que não — a todas as criaturas humanas — para a necessidade de bem escolher os governantes; da necessidade de se dar o Poder não aos que apenas sabem curvar-se diante dos

mais poderosos, mas aos fortes para quem possam resolver as coisas públicas por sua qualificação intelectual e moral. Aos que sejam gente como a gente. E não chimangos magros como lobisomem, mesquinhos como o demônio.

2. Durante as guerras de Independência Argentina, quando gaúcho e patriota significam o mesmo, a poesia gauchesca se converte em arma de guerra contra o opressor espanhol. Nesta primeira fase além da exaltação dos feitos militares o poeta tem, pois, uma intenção reformadora. É o caso de Bartolomé Hidalgo e toda sua obra popular. Vem a seguir a poesia festiva, que se difunde nos anos pacíficos da administração republicana, culminando com o Fausto de Estanislau del Campo. E, finalmente, "la del cantar-opinando" que atravessa a época de Rosas com as composições de Ascasubi até definir-se, por volta de 1870 com os poemas de nítido conteúdo de protesto social. Atinge o clímax com José Hernandez e seu *Martín Fierro*.

Segundo Pablo Subieta, "*Martín Fierro*, más que una colección de cantos populares, más que un cuadro de costumbres, más que una obra literaria, es un estudio profundo de filosofia moral y social".

Martín Fierro no es un hombre, es una clase, una raza, casi un pueblo, es una época de nuestra vida, es la encarnación de nuestros costumbres, creencias, vicios y virtudes, es el gaucho luchando contra las capas superiores de la sociedad que lo oprimen, es la protesta contra la injusticia, es el reto satírico contra los que pretenden legislar y gobernar, sin conocer las necesidades del pueblo, es el cuadro vivo, palpitante, natural, estereotípico, de la vida de la campaña, desde los suburbios de un gran capital, hasta las toldeñas del salvaje".

Vemos em *Martín Fierro* a condição do gaúcho submetido a tratamentos brutais nas linhas militares de fronteira ao lado do índio; a invasão gringa que transformou a paisagem livre e aberta dos belos campos do gauchismo em terras de lavouras e culturas. O tipo acabado do gaúcho torna-se uma lembrança do passado. De nada mais lhe valem a coragem, a força e as habilidades campeiras. O pampa e a vida deixaram de lhe pertencer.

Para exercitar todo o poder de sua sátira contra as estruturas que reduziram o gaúcho a um pobre paisano, submetido aos capri-

chos do governo, longe de sua família, de seus filhos, e de sua querida amada, José Hernandez nos põe diante de uma narrativa autobiográfica de um gaúcho que muito sofreu e que agora se consola com o cantar as suas mágoas. Com o lembrar as mágoas do passado, a sátira se azeda à medida que quer libertar-se das angústias e das fossas em que se vê enredado. As lembranças girarão em torno do que lhe aconteceu; vivendo feliz no seu rancho da querida amada, vê-se recrutado ao serviço militar. É enviado para a fronteira, onde sofre as misérias das lutas contra os índios e a dura vida de uma caserna injusta. Desertando, retorna ao pago e só encontra ruínas. Perdido o lar, *Martín Fierro* chora. Mas, enfurecido, declara uma guerra de palavras contra os homens e contra a sociedade. E a partir daí vai viver uma vida de gaúcho errante e solitário pelo pampa. Passa cinco anos entre os índios. Termina querendo começar vida nova: "Mas naides se crea ofendido/ Pues a ninguno incomodo/ Y si canto de ese modo,/ Por encontrarlo oportuno,/ No es para mal de ninguno,/ Sino para bien de todos". Em resumo: sua história é contada para que todos aprendam a dançar as normas de bem viver cantadas "al compás de la vigüela" e para que ninguém venha a sofrer todos os abusos e todas as desgraças de que ele foi vítima. E, como ele, toda a classe de infelizes que viram estraçalhada sua vida de gaúcho por instituições que nada dão a ninguém entre elas o serviço militar e o governo.

O livro, como ele mesmo diz, foi escrito para transmitir às gerações futuras uma fotografia fiel da índole, dos costumes, dos hábitos e do linguajar "de ese ser tan calumniado, como digno de encomjo, que se llama el gaucho porteño". Porque "la provincia es una madre/ que no defiende a sus hijos".

O poema, muito mais que uma sátira, é uma tentativa de esclarecer como um homem cuja glória "es vivir tan libre/ Como el pájaro en el cielo/", que nunca pelega e nem mata a não ser por necessidade, que sempre foi um bom pai e um bom marido, se vê agora tomado como um bandido.

Muito mais que um agente de desordens, homicídios e deserções do serviço militar *Martín Fierro* foi paciente de toda uma estrutura que se armou para liquidá-lo. A ele e a toda gauchada que no presente "no se la ve de aporriada".

As lembranças amargas sobre o que lhe aconteceu encontram

nessa estrutura social a maior responsável pelo desastre que lhe ocorreu nos pampas.

Os campos estão em ruínas; as embrulhadas nunca se acabam; os negócios, "feos" são percebidos apesar de toda sua ignorância; nascer na estância é como que uma maldição; a continuar como as coisas estão, os campos acabarão desertos. Porque, e aí está a responsável, "La Provincia es una madre/ Que no defiende a sus hijos/" (MF-186).

O comportamento dos outros homens está sempre dirigido contra os pobres e contra os fracos. A lei é como uma teia de aranha "Pues la rompe el bicho grande/ Y sólo enrieda a los chicos" (MF-202). Daí haver "muchos trampos legales" é ser um pecado "el decir ciertas verdades".

Ao lado dos que mandam, e que são os responsáveis pela desventura de todos os gaúchos, há os gringos que "no hacen más que dar trabajo/ Pues no saben ni ensillar,/ No sirven ni pa carniar" (MF-31). E que nem se sabem atracar a um pingo. O que para um gaúcho significa dizer que não pertencem ao gênero humano! E não pertencem mesmo! Porque, pelo menos, nem homens são: "Que diablos! sólo son güenos/ Pa vivir entre maricas/ Y nunca se andem con chicas/ Para alzar ponchos anejos" (MF-32).

Ao lado dos gringos, os índios "cerdudos, siempre llenos de recelos" também trazem sua participação na mudança por que sofreu o pobre gaúcho de ontem. "Es guerra cruel la del indio/ Porque viene como fiera;/ Atropelia dondequiera/ Y de asolar no se cansa".

Junto com esses índios, os soldados da fronteira para onde Martín Fierro foi levar a prestar serviço militar! "Aquello no era servicio/ No defensa de frontera/ Aquello era ratonera/ En que solo gena el juerte" (MF-29). Nestes postos de fronteira, tudo está ao contrário. Os milicos são os piores. Roubam mais que os índios.

No meio deste mundo mau, o gaúcho vago que não pode ter querência, que só serve para votar; que não tem a quem dar suas queixas; que "es como la lana,/ Se limpia y compone a palos" apenas é argentino para fazê-lo morrer.

Solução para continuar vivendo?

Munir-se de uma dose de ditos estoicos para bem sobreviver a todos os estragos. Saber que nunca faltam encontrões quando um

pobre se diverte. Que o pobre só deve gastar sua vida fugindo da autoridade. Que os filhos da miséria são muitos na Argentina. Que olham o pobre gaúcho como carne de cangote. Que a alegria de um pobre é prenúncio de tristeza. Que a lei é feita para todos mas só dirigida contra os pobres. Que quando a mula recua é sinal que vai escoicear. Que no cárcere não há touros: ali todos são cordeiros. Que só os covardes são valentes com as mulheres e com os fracos. Que não tem patriotismo quem não cuida dos compatriotas. Que os desertores, os miseráveis e os nus precisam procurar nova sorte. Que todos têm que suportar os mais vis tratamentos: "a palos en lo civil/ Y a sable en lo militar" (MF-190). Que sempre é melhor o jogo de quem carrega os galões.

Apesar de todos estes males o velho Vizcacha aconselha: "No te debes apligir/ Aunque el mundo se desplome/ Lo que más precisa el hombre/ Tener, según yo discurro./ Es la memoria del burro/ Que nunca olvida ande come." Em síntese não esquecer. Esperar até o dia de dar o mesmo troco! Ainda mais que "Nada enseña tanto/ Como el sufrir y el llorar".

Quem é matreiro não tem ninho, nem rancho, nem assento. E não irrita a quem pode castigar-nos! E não esquece quem lhe fez mal! E quando anda em pagos alheios é manso e prudente! Sabe que a penitência diária se sofre onde se está! E quem vende algum bocado morde para si a melhor parte.

Diante, pois, das injustiças trágicas do destino, a posição estoica do sofrer. Porque a vida é isto mesmo! E não há outra saída.

Em seu Martín Fierro, Hernandez não quis idealizar o gaúcho, mas mostrá-lo em toda sua tristeza, em todas suas desesperanças, suas opiniões e seus costumes. A vida nos campos, o mate, a mulher, a querência, a gauchada sempre alegre e, bem montada e bem disposta ao trabalho, tudo isto aparece a Martín Fierro como coisas perdidas. Impossíveis de recuperar.

Daí o estoicismo como solução diante de um problema insolúvel.

A sátira do Antônio Chimango não é a mesma do Martín Fierro: o chimango, um gaúcho que nunca chegou a sê-lo, encontra diante de si homens dispostos a enfrentá-lo para que a fazenda do S. Pedro não se transforme em deserto (e por isto, ainda há uma esperança de recuperação). Martín Fierro, o gaúcho que deixou de ser,

não mais tem esperança de reencontrar o mundo que perdeu. Na sátira brasileira, ainda a esperança de recuperar o tempo e o espaço perdido dentro da união de todos os homens de boa vontade dirigidos contra o usurpador. Na sátira argentina, a desesperança do espaço e do tempo que se foram e que apenas deixaram a mágoa e a saudade. Ramiro Barcelos e Tio Lautério são testemunhas de uma vida campestre que ainda se realiza na tropeada, no mate, nos "causos", nos fandangos demonstrando, assim, que nada puderam os vícios do chimango contra as belezas das fazendas de S. Pedro. Daí se concluir que Antônio Chimango acabou sofrendo o amargor da derrota. José Hernandez e Martín Fierro são testemunhas das ruínas de uma vida campestre que se perdeu. Se perdeu porque os chimangos de lá se chamam "gringos", "índios", "milicos", "postos de fronteiras". E são os que agora detêm o Poder.

A sátira, em Antônio Chimango, foi de efeito positivo: derrotou o inimigo. Foi uma sátira de ação e de alerta para corrigir os desmandos de um prepotente amalucado. É uma sátira que levou a uma revolução. Serão pelas armas, pelo menos, pelos costumes.

A sátira em Martín Fierro não será de efeito algum. Seu autor já está derrotado desde quando se põe a cantar. Nada mais há para ser corrigido. Apenas, sobreviver nas ruínas.

O brasileiro nos deu um canto de guerra que despertou consciências; que levantou os brios de quem percebeu que estava se perdendo. O argentino nos deu, estóico, um canto de saudade de quem já está perdido.

Antônio Chimango é a história do gaúcho que quase se apaisanou.

Martín Fierro, a história do paisano que se desgauçizou.

NOTAS

1. ENCICLOPÉDIA ABRIL, Verbete Humor, nº 86.
2. JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango*. Porto Alegre, Livraria Globo, 1961. 260 p.
3. CANOSA, Maria Luz. *Evolución de la poesia gauchesca*. Montevideo, La Casa del Estudiante, 1972. 43p.
4. Tomando posse, pela primeira vez, a 25 de janeiro de 1898, em virtude de reeleições sucessivas, o dr. Borges de Medeiros governará praticamente durante vinte cinco encerrando sua administração a 25 de janeiro de 1928.

5. PINTO, Oscar Bastian. In: *Antônio Chimango*. Op. cit., p.115.

6. Na realidade foram quase trinta anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CARVALHO, Tito. *Vida Salobra*. Florianópolis, Livraria Acadêmica, 1963. 200p.
2. COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Editorial Sul-Americana S.A., 1964. 540 p.
3. CORREA, Nereu. *Temas de Nosso Tempo*. Rio de Janeiro, Editora A Noite, 1953. 180 p.
4. CARVALHO, Tito. *Bulha d'Arroio*. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1939. 160 p.
5. SOARES, Japonan. *Parorama do Conto Catarinense*. Porto Alegre, Editora Movimento, 1971. 139 p.
6. SACHET, Celestino. *Antologia de Autores Catarinenses*. Rio de Janeiro, Editora Laudes, s.d., 190p.
7. JUVENAL, Amaro. *Antônio Chimango*. Porto Alegre, Editora Globo, 1961. 260 p.
8. D'AVILLA, F. Maya. *Terra e Gente de Alcides Maya*. Porto Alegre, Edição Sulina, 1968. 284 p.
9. COSTA E SILVA, Riograndino. *Notas à Margem da História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora Globo, 1968. 260p.
10. HERNANDEZ, José. *Martín Fierro*. Buenos Aires, Editorial Tor, 1957. 222p.
11. GARGANICO, John F. & Walter, Reis. *Antologia de la Literatura Gauchesca y criollista*. Montevideo, Delts Editorial, 1967. 523p.
12. ARA, Guillermo. *La poesia gauchesca*. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1967. 62 p.
13. CANOSA, Maria Luz. *Evolución de la poesia gauchesca*. Montevideo, La Casa del Estudiante, 1972. 43 p.
14. JOZEF, Bella. *História da Literatura Hispano-Americana*. Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1971. 373 p.
15. FERREIRA, João Francisco. *Capítulos de Literatura Hispano-Americana*. Porto Alegre, Edições da Faculdade de Filosofia, 1959. 444 p.